

O experimentalismo na pedra

Reynaldo Roels Jr.

Em um texto para o catálogo de sua última exposição individual no Rio de Janeiro, em 1981, Sérgio Camargo referiu-se a uma "geometria empírica", expressão que à primeira vista faz tanto sentido quanto "geografia metafísica", ou outra coisa no gênero. Mas, como às vezes acontece quando se fala de arte, as categorias podem adquirir sentidos coerentes mesmo que em outros campos elas pareçam esdrúxulas, até impossíveis. Como se disse certa vez, ninguém jamais viu um triângulo isóceles passando pelo meio da rua mas a "geometria empírica" de Sérgio tem um sentido quando aplicada à sua escultura. Algo como uma "estética experimental", para continuar brincando com os conceitos. As cerca de 30 esculturas de Sérgio em exposição no Paço Imperial, a partir de hoje às 18h, são o resultado dos encontros do escultor com esta empiria durante os últimos anos, e com uma novidade até hoje só oficialmente mostrada em São Paulo: os trabalhos em negro da Bélgica, um carvão fóssil que, como o nome indica, é negro, e que serviu para fazer o contraponto com o mármore de Carrara das esculturas mais conhecidas do público.

As peças negras começaram com uma quase brincadeira: pediram a Sérgio para fazer um jogo de xadrez em pedra. Sérgio fez e gostou do resultado, embora não tivesse ficado inteiramente satisfeito com o material que utilizou, uma pedra de cor menos densa do que o carvão belga. Mas serviu para dar partida à nova série que, como a anterior, é um trabalho de recomposição de sólidos geométricos simples cortados em ângulos específicos. Em geral o cilindro, mas também o cubo, a pirâmide ou o cone, em relações de tamanho mais ou menos constantes: 1, 2 e 4, ou 1, 4 e 16.

Nascido no Brasil em 1930, Sérgio entrou em contato sério com a arte na Argentina, onde morou durante alguns anos e frequentou a Academia Altamira, em Buenos Aires, estudando com nomes como Lucio Fontana e Emilio Pettorutti. De lá, foi para a Europa e, em Paris, terminou conhecendo um dos principais nomes da escultura no século XX, Constantin Brancusi. Na primeira visita, Sérgio conseguiu ser expulso do ateliê de Brancusi, já exasperado com a demora do brasileiro diante de seus trabalhos. Mas outras visitas se seguiram até o retorno de Sérgio ao Brasil, em 1953. Sérgio também passou por cursos de Direito e, na Sorbonne, estudou Filosofia. Fixou-se por fim nas artes plásticas. Mas nunca pintou, ou melhor, pintou um único quadro em toda a vida, e afirma que nunca fez nada tão ruim:

— A cor nada tem a ver com meu raciocínio plástico. O meu problema são as formas e suas relações espaciais. O que não me impede de gostar muito da cor. Mas não é para mim.

No início dos anos 60, Sérgio chegou aos primeiros relevos em madeira pintada de branco. O mármore veio um pouco depois, quando ele descobriu nas pedreiras de Carrara, na Itália, um material que respondia exatamente às suas exigências: uma pedra de superfície homogênea, que revelasse "o peso por baixo da pele branca". O mármore nacional não serviu, em nenhuma das vezes que tentou trabalhar com

□ Criando séries combinatórias em mármore de Carrara ou em carvão fóssil da Bélgica, o escultor Sérgio Camargo descobre uma "geometria empírica" que estará em exposição a partir de hoje à noite no Paço Imperial da Praça 15.



ele: esfarelava e não tinha a mesma homogeneidade de superfície. Todo ano, Sérgio passa algum tempo em Carrara, realizando seus projetos.

— E lá ainda há o artesão qualificado, que conhece o seu ofício, como ninguém no Brasil sabe ou quer. Entrei em contato com um italiano que veio para o Brasil, e ele explicou que nenhuma marmoraria, comprometida com a construção civil, vai parar sua linha de produção para produzir minhas peças.

A despeito disto, elas são simples para os artesãos de Carrara. Sérgio apenas diz o tamanho dos cilindros e a maneira como eles serão cortados em seguida. A montagem final, Sérgio pode fazer no Brasil, em seu ateliê de Jacarepaguá, em meio a 15 mil metros de árvores e gramados, onde há até uma piscina natural, que hoje em dia não pode ser utilizada por ter sido contaminada pela esquistossomose.

A peça resultante da montagem final é, como Sérgio diz, impossível de ser deduzida de qualquer esquema apriorístico — "entidades cuja pertinência só a elas pertence". Com os fragmentos de sólidos, Sérgio vai experimentando as combinações possíveis, até chegar àquela que tenha um sentido de "inevitabilidade". Aí, é só soldar uma parte na outra e está acabada a escultura. O processo é simples, e Sérgio faz questão de que ele fique explicitado na peça final: o lugar da colagem fica visível, não para mostrar o método artesanal, mas a manobra experimental através da qual ele chegou ao resultado. Daí ser possível falar, no seu caso, em uma "estética experimental" ou, como ele mesmo gosta de dizer, "geometria empírica".

Uma das coisas que mais impressiona o escultor é a afirmativa, que ele ouve desde o início da carreira, de que seu trabalho não tem vínculos com qualquer escola ou tendência à sua volta. Enquanto Sérgio trabalhava, ao final dos anos 50 e início dos anos 60, movimentos próximos à sua linha proliferaram no Brasil, como o concretismo e o neoconcretismo.

— Mas nunca aconteceu de eu me ligar a nenhum grupo. Não foi por nenhum motivo deliberado, apenas não ocorreu.

De fato, sua escultura não tem um programa, como havia implícito por trás dos movimentos concretos. Por outro lado, a escultura de Sérgio não tem a revelação exacerbada do "eu" do artista, talvez até tenha um pouco da impessoalidade do minimalismo, mas não se confunde com ele. É, na melhor das hipóteses, um trabalho com reflexos do que ocorre à sua volta, mas não aceita nenhum rótulo específico para si mesmo. Nisto, e em várias outras coisas, Sérgio talvez seja um dos artistas que melhor trabalha com os paradoxos da contemporaneidade: o de ser um sujeito em uma época em que a subjetividade foi superada pela massificação.